



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Matéria Cúmplice : Cinco Aberturas e Um Prelúdio para Jorge de Sena', de Jorge Fazenda Lourenço]

José Cândido de Oliveira Martins

Para citar este documento / To cite this document:

José Cândido de Oliveira Martins, "[Recensão crítica a 'Matéria Cúmplice : Cinco Aberturas e Um Prelúdio para Jorge de Sena', de Jorge Fazenda Lourenço]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 266-269.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Soror Saudade, chancelada aqui sob a égide de um canto lírico que a particulariza como máscara heteronímica.

Até certo ponto, a complexidade desses procedimentos poéticos dialogam com a chave de leitura proposta por Derivaldo dos Santos, para quem a dúvida melancólica desempenha papel decisivo na atitude lírica de Florbela Espanca, surgida como forma de se contrapor à tentativa de reduzir o mundo aos postulados da razão instrumental, o que redundava numa subjetividade perpassada pela quebra de unidade com o mundo e por uma personalidade aberta à multiplicidade, em que identidades não fixas são assumidas. Assim, ciente da realidade multifacetada do mundo, Florbela procura imprimir, nos seus poemas, um estado anímico marcado pela hesitação, em que a melancolia é o modo encontrado para o sujeito colocar em cena o esgotamento de um indivíduo alicerçado em garantias de certezas existenciais. Essa análise leva Derivaldo a concluir que a dúvida potencializa múltiplos rostos, o disfarce de um jogo de máscaras, desmistificando «o mito da poesia puramente confessional que se criou em torno da sua obra» (308).

A Florbela que emerge das páginas desta edição de *Callipole* certifica a concessão de uma estatura mítica, mas recusa a tatuagem dos mitos críticos que a tornam desvalorizada ou equivocadamente lida. A largueza e elasticidade de seus procedimentos são capazes de manobras complexas, capazes de entrelaçar o feminino numa imagem oblíqua da Virgem Maria, por exemplo, como pontua Fábio Mario da Silva. Trata-se, à guisa de conclusão, de uma coleção de inúmeros e surpreendentes recortes, no dizer parafraseado de Maria Lúcia Dal Farra, «uma questão em aberto. Constitui um desafio para o futuro. Saibamos nós, leitores, continuar a responder-lhe» (361).

*Moizeis Sobreira de Sousa*

**Jorge Fazenda Lourenço**  
**MATÉRIA CÚMPLICE**  
CINCO ABERTURAS E UM PRELÚDIO  
PARA JORGE DE SENA

Lisboa, Guimarães/Babel / 2013

O autor deste livro de ensaios, Jorge Fazenda Lourenço, é um reconhecido investigador da obra de Jorge de Sena, com um papel muito relevante no mais recente projeto de reedição da obra do escritor. Desde logo, o título escolhido para o volume equivale a uma conceção de crítica literária ou, para usarmos uma expressão do estudioso, a um «modo de aproximação» à palavra literária. De facto, na sua evidente polissemia, ora denota uma convivência íntima com o objeto de estudo, ora, pela sua sugestiva matriz musical, assenta perfeitamente à criação seniana e ao seu intenso diálogo interartístico. Ao mesmo tempo, também não estranha que esta obra integre uma coleção de «Ensaística Seniana», de que Fazenda Lourenço é o coordenador.

Como recordado na curta «Nota Prévia», esta recolha de cinco ensaios senianos segue-se a *O Brilho dos Sinais* (2002), num percurso crítico iniciado há trinta anos, e a variadíssimos estudos sobre a vida e obra de Jorge de Sena. Modestamente, o autor caracteriza a natureza dos cinco ensaios reunidos neste livro, ao afirmar que «são como que aberturas para diversos aspectos da vida e obra do poeta (a desenvolver, por mim ou por outros)» (9). A encerrar o volume, um repertório bibliográfico dos estudos senianos de Fazenda Lourenço, «Trinta Anos de Jorge de Sena: 1982-2012» (127-35); bem como um oportuno conjunto de notas informativas sobre a publicação original de cada ensaio.

A questão da receção da obra de Jorge de Sena, em particular das suas primícias poéticas, constitui o objeto crítico do primeiro

ensaio, o mais alongado do conjunto — «Título Nenhum Serve. Para o Estudo da Recepção de Jorge de Sena nos Anos 40» (13-49). De forma solidamente argumentada, o crítico demonstra à saciedade o «horizonte de recepção» estético desta época e o correspondente padrão crítico que então dominava. Apreciando detalhadamente os pronunciamentos de João Gaspar Simões, João Pedro de Andrade, Hernâni Cidade, José Régio, entre outros, retira-se duas conclusões fundamentais: primeira, figura perturbante da «moderníssima geração», o jovem Jorge de Sena «não encaixava nos modelos de poesia dominante», de recorte tardo-romântico, enquanto «campo de recepção» ou «rede de leitura» manifestamente desfavorável (16, 26); segunda, datam da primeira recepção do livro *Perseguição* (1942) os lugares-comuns com que certa crítica posterior haveria de caracterizar a obra poético-literária de Sena, poeta frequentemente acusado de ter uma escrita demasiado intelectual (cerebralismo), filosófica, hermética, prosaica, entre outros epítetos recorrentes na sua fortuna crítica, aliás desvalorizando o poeta em favor do crítico.

O segundo e terceiro ensaios focam de ângulos diferentes, mas complementares, o romance maior da criação ficcional de Jorge de Sena: «Como Se Faz Um Romance? Sobre *Sinais de Fogo* como *Bildungsroman* e Uma Referência a Orfeu» (51-73); e «Jorge de Sena e a Espanha, e a Guerra Civil de Espanha» (75-89). Interpretado como «narrativa de uma transformação, ou metamorfose» (52), *Sinais de Fogo* enquadra-se para o crítico no género do «romance de formação», classificação genológica que merece oportunas considerações, ao ser frequentemente associada a outras tipologias romanescas (54-60). Aliás, a própria estrutura tripartida do romance seniano adequa-se a um modelo narrativo centrado na evolução formativa

do protagonista — desde o período de formação à etapa da epifania: «E se o que caracteriza, em geral, o ‘romance de formação’ é a busca, por parte de um jovem adolescente, da sua identidade pessoal em confronto com o mundo, o que caracteriza, em particular, *Sinais de Fogo*, é a busca, por parte de Jorge, da sua identidade de poeta» (67).

Como nos relembra Fazenda Lourenço, além de presente em *Sinais de Fogo*, a Guerra Civil de Espanha (1936-39) é muito relevante para Jorge de Sena, «cuja vida e obra [...] se encontra atravessada por esse acontecimento histórico», sendo mesmo «o grande acontecimento da juventude de Jorge de Sena» (75 e 80). Previamente, o crítico detém-se a ilustrar o modo como a cultura espanhola, na diversidade das suas manifestações, fecundou abundantemente quer a cidadania de Jorge de Sena, quer a sua criação literária e ensaística. Para isso, demonstra-nos, ilustradamente, como a escrita de Sena está eivada de temas, figuras e referências da cultura espanhola, defendendo mesmo o escritor que não é possível fazer a História de Portugal com o tradicional desconhecimento do espaço peninsular — «o estudo e a interpretação possível da cultura espanhola têm uma importância primordial», assevera Jorge de Sena (77). Mas logo nos adverte o crítico que o assumido hispanismo seniano — com agudo sentido de pertença ao espaço cultural peninsular — não se confunde com ultrapassados iberismos.

Ora, a ação de *Sinais de Fogo* situa-se justamente no verão de 1936, adquirindo assim o acontecimento histórico um impacto semântico, reforçado pela presença de uma colónia de espanhóis a banhos na Figueira da Foz. Esta opção temático-compositiva confere à obra um manifesto valor simbólico-alegórico enquanto «romance de aprendizagem ou de formação»; ou seja, a educação do

protagonista é intensamente moldada por esse acontecimento histórico: «A Figueira desta Guerra Civil é o cadinho em que Jorge desperta para a realidade política e social, para o amor e para a criação poética» (81). Como salientado por Fazenda Lourenço, a presença do motivo da Guerra Civil espanhola estende-se ainda a outras narrativas de Sena (contos vários), demonstrando-se assim o modo como marcou a vida e a obra do escritor.

O quarto ensaio — «Portugal no Exílio de Jorge de Sena» (91-107) — problematiza um tema igualmente caro ao universo seniano: a questão (de) Portugal na voluntária, mas nem por isso menos problemática e penosa, experiência do exílio, primeiro no Brasil, depois nos EUA (Madison e Santa Barbara). Com esse desiderato, Fazenda Lourenço contextualiza devidamente o papel interventivo do escritor no âmbito do Portugal salazarista. E reconhece ao mesmo tempo que ainda está por fazer uma desenvolvida História desse Portugal clandestino que se mobilizava, ativa e perigosamente, em manobras várias de oposição ao regime. Aliás, como refere o autor, a variada correspondência de Sena com diversos opositores ao regime poderá revelar-se fundamental para o estudo desse período (99).

Como sabemos, a experiência do exílio seniano marca profunda e existencialmente o percurso do escritor, chegando o próprio a confessar, em entrevista no final da vida, que se tratava mesmo de uma marca congenial ao seu modo de ser: «fui sempre um exilado, mesmo antes de sair de Portugal» (94). Por outras palavras, Sena mostra-se motivado a intervir politicamente, mas sentindo quer certo drama decorrente do espartilhamento da identidade (último ensaio), quer sobretudo as limitações a esse desejo de atuação, como realça Fazenda Lourenço: «um cidadão do mundo sem possibilidade de uma intervenção política

directa na sociedade portuguesa» (101). Isso não impediu Jorge de Sena de acompanhar com entusiasmo, embora à distância, a Revolução de Abril de 1974.

Por fim, em «Jorge de Sena e a Diáspora, ou O Portugal Disperso» (109-26), na continuidade do ensaio precedente, Fazenda Lourenço equaciona o modo como Sena interpreta, histórica e pessoalmente, o «Portugal disperso», isto é, a realidade e o sentimento da diáspora. À imagem do épico português, como assinala o próprio Sena, «Portugal, como Camões, é a vida pelo mundo em pedaços repartida» (109). Ora, o escritor sente-se parte viva e integrante dessa diáspora, dramaticamente afastada do país, mas mantendo com ele fortes vínculos afetivos.

Neste contexto, o crítico questiona e dilucida vários conceitos afins — diáspora, exílio, emigração —, para depois, a partir de repetidas intervenções de Sena, demonstrar como o escritor acaba ironicamente reconhecido, pelas autoridades portuguesas, como «poeta exilado» e como «cidadão do mundo, estatuto que Jorge de Sena sempre reivindicou para si mesmo» (115). Por detrás deste percurso, existiu um processo de «identidade complexa» — naturalizado brasileiro por força das circunstâncias, mas sem ser reconhecido como nacional pelos brasileiros; e português expatriado nos EUA, Sena acaba por assumir claramente, nas palavras de Fazenda Lourenço, «a condição ontológica do exilado» (116); ou, nas palavras do próprio Sena, a personalidade do *outsider*: «Por natureza [um] *outsider*, que sempre tive a consciência de ser em toda a parte e em qualquer meio» (119). Ora, naturalmente, muita da sua intervenção cívica e cultural, da sua criação literária e da sua mundividência de intelectual cosmopolita e empenhado, se devem a esta distância crítica.

Como nota final, saliente-se que, em vários momentos, o crítico insiste na «aber-

tura» destes estudos, à espera de outros ensaios que os prolonguem e completem. Em todo o caso, a sua importância ultrapassa a modesta dimensão do volume que os recolhe. Além das reconhecidas capacidades hermenêuticas, estes ensaios revelam um aprofundadíssimo domínio do universo seniano, quer dos éditos, quer dos inéditos; e, além do conhecimento de uma extensa bibliografia passiva, junta-se ainda o recurso a uma bibliografia teórica atualizada. Enfim, mais um conjunto de estudos de referência para a receção crítica de Jorge de Sena.

*José Cândido de Oliveira Martins*

**João Bigotte Chorão**

**ALÉM DA LITERATURA**

Lisboa, Quetzal / 2014

*Além da Literatura* é uma belissimamente apresentada colectânea de textos, estudos, ensaios, crónicas, prefácios nunca antes reunidos em livro. Estas colectâneas, que costumam, incompreensivelmente, afugentar os editores, são, no entanto, quando o seu autor é um profundo e sincero amante — e oficiante — da literatura, como é o caso de João Bigotte Chorão, de leitura atraente, por razão mesmo da variedade de autores, de textos e de temas visitados. Pode parecer que o inconveniente — se é que isso é um inconveniente — reside no facto de não haver uma unidade visível, um guião aparente ou, roubando uma imagem a Ortega, um fio que transforme as pérolas avulso em colar. A verdade é que o tal fio que nos propicia o colar é, no caso deste livro, o seu próprio título: *Além da Literatura*.

Quem leia as obras de João Bigotte Chorão — os textos que escreve sobre outros escritores e aqueles em que é, ele próprio, escritor (e nos primeiros, aliás,

é-o igualmente) — poderá verificar que o lado literário, a «literariedade», como se usa dizer, não lhe é indiferente. Há mil definições de *estilo*, umas melhores do que as outras, mas todas levam à tentativa de se caracterizar o perfil do *escritor*, o que escreve de uma certa *maneira*, com um certo tipo e forma de preocupações. Mas as melhores propostas para uma aproximação a uma desejável definição do que seja o *estilo* de um escritor talvez ainda sejam as mais simples e descarnadas, como estas duas do grande dramaturgo irlandês George Bernard Shaw: 1) Estilo é a eficácia da asserção; 2) Quem não tem nada a dizer não tem nem pode ter um estilo, isto é, ter que dizer — ter substância, ter conteúdo — é a melhor garantia de se atingir um estilo, isto é, uma eficácia — e uma grande tensão. Outra afirmação que também serve — esta, de Voltaire: «Todo o estilo que não aborrece é bom.» Mas, a todos, ainda prefiro Stendhal: «Não vejo senão uma regra: ser claro. Se não sou claro, todo o mundo se esboroa e se reduz a nada.» A qualquer destes exigentes cadernos de encargos, Bigotte Chorão sabe dar competente resposta: é eficaz na asserção, escreve porque tem muito que dizer, não é aborrecido e visa, honestamente, uma clareza que ilumina os seus textos e os textos que os seus textos visitam. Há, portanto, no que escreve um forte teor de preocupação com o *literário*, isto é, com a literariedade do texto. Esta preocupação com o literário é apenas natural em quem se pretende e se vê como escritor.

Mas que nos diz, então, o título deste livro: *Além da Literatura*? Querirá ele contrariar esta preocupação, indicando que o autor com ela se impacienta, *saindo* dela, para ir além dela? Por haver coisas mais importantes ou transcendentais do que o mero literário? Julgo que o problema não se pode pôr nestes termos um tanto primários. O «além da Literatura» de «O Escritor na